

## A IMPORTÂNCIA DA IDEOLOGIA DE PAULO FREIRE NO CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR

Gracyella Gonzaga Arantes (UNIDERP)

[gracyellagonzagaarantes@gmail.com](mailto:gracyellagonzagaarantes@gmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

### RESUMO

Desde o seu início na década de 1930, a história da Educação Popular no Brasil é marcada por câmbios teóricos e práticos consideráveis (Beisiegel, 1974). O contexto e o significado das primeiras experiências de “educação popular”, em que pesem suas relações históricas, econômicas e políticas, diferem significativamente dos propósitos, dos objetivos e das disposições elencados pelos movimentos de cultura popular dos anos 1960, nos quais se inseriu o trabalho de Freire. Ao contrário, as primeiras experiências de educação popular caracterizaram-se por serem dominadas ideologicamente pelos setores da elite urbana industrial, que pautava a necessidade de empreender um projeto educacional que incluísse, pelo direito e pelo dever, a todas as pessoas. A teoria de Paulo Freire consiste em contribuir com transformações sociais em prol de um mundo cultural menos discriminatório, excludente e opressivo, inferimos que o conhecimento sobre a politicidade da educação poderá ser um instrumento teórico a mais para recriarmos práticas educativas que contribuam com a transformação da sociedade e de nós mesmos como seres humanos e profissionais. Falar no pensamento e na prática de Paulo Freire é está falando de uma práxis pedagógica-política e epistemológica profundamente democrática. A sua obra e vida testemunham sempre a sua clara opção política contra qualquer tipo de autoritarismo, desrespeito, injustiça, desigualdade, etc. A filosofia de Freire, ao contrário, se posiciona a favor da liberdade, da justiça, da ética e da autonomia do ser humano, da escola e da sociedade.

#### Palavras-chave:

Educação popular. Paulo Freire. Político e social.

### 1. Introdução

*“E nós estamos ainda no processo de aprender como fazer democracia. E a luta por ela passa pela luta contra todo tipo de autoritarismo.” (FREIRE, 2000, p. 136)*

A Educação Escolar constitui-se num dos instrumentos veiculares de certas ideologias que podem estar atendendo aos interesses dominantes em

detrimento dos povos oprimidos, proibido de ser mais, como diz Freire (1979). À época, percebíamos que a educação tinha uma “dimensão” política, mas com Souza (2006), passamos a entender que não se tratava de uma “dimensão”, uma vez que a educação é intrinsecamente política, devido à diretividade e a intencionalidade nela presente; daí, sua politicidade.

Desde o seu início na década de 1930, a história da Educação Popular no Brasil é marcada por câmbios teóricos e práticos consideráveis (BEI-SIEGEL, 1974). O contexto e o significado das primeiras experiências de “educação popular”, em que pesem suas relações históricas, econômicas e políticas, diferem significativamente dos propósitos, dos objetivos e das disposições elencados pelos movimentos de cultura popular dos anos 1960, nos quais se inseriu o trabalho de Freire. Ao contrário, as primeiras experiências de educação popular caracterizaram-se por serem dominadas ideologicamente pelos setores da elite urbana industrial, que pautava a necessidade de empreender um projeto educacional que incluísse, pelo direito e pelo dever, a todas as pessoas.

A teoria de Paulo Freire consiste em contribuir com transformações sociais em prol de um mundo cultural menos discriminatório, excludente e opressivo, inferimos que o conhecimento sobre a politicidade da educação poderá ser um instrumento teórico a mais para recriarmos práticas educativas que contribuam com a transformação da sociedade e de nós mesmos como seres humanos e profissionais.

A politicidade da educação não significa a política do ministério da educação, embora a política da educação se faça presente nessas intervenções. A compreensão em processo é de que a politicidade da educação constitui-se em algo complexo que traz um estudo crítico-reflexivo com concepções e atuações opressivas de educação que mais contribuem com a alienação de reflexões críticas do mundo cultural. Essas preocupações convivem com o desejo de vivenciar uma prática educativa que promova a criatividade, a sensibilidade, a reflexão e ação relativos a como estamos entendendo e dissociando a autoridade docente, da criadora liberdade dos discentes, do rigor, da ética e do compromisso político no ensino dos conteúdos científicos e culturais.

Entendemos que, quando agimos insensíveis á politicidade da educação, aos seus efeitos humanizadores e desumanizadores, á inconclusão do ser humano, corremos o risco de praticar uma educação opressora (FREIRE, 1979), ainda que essa não seja a nossa intenção.

Falar no pensamento e na prática de Paulo Freire é está falando de uma práxis pedagógica-política e epistemológica profundamente democrática. A sua obra e vida testemunham sempre a sua clara opção política contra qualquer tipo de autoritarismo, desrespeito, injustiça, desigualdade, etc. A filosofia de Freire, ao contrário, se posiciona a favor da liberdade, da justiça, da ética e da autonomia do ser humano, da escola e da sociedade.

Em *Educação como prática de liberdade* (1975), podemos encontrar um trecho do prefácio escrito por Francisco Weffort que diz:

O tema da educação como afirmação da liberdade tem antigas ressonâncias, anteriores mesmo ao pensamento liberal. Persiste desde os antigos gregos como uma das ideias mais caras ao humanismo ocidental e encontra-se amplamente incorporado a várias correntes da pedagogia moderna. Não obstante, este ensaio guarda sua singularidade. Aqui a ideia da liberdade não aparece apenas como conceito ou como aspiração humana, as também interessa, e fundamentalmente, em seu modo de instauração histórica. (...) Trata-se, como veremos, menos de um axioma pedagógico que de um desafio da história presente. (WEFFORT *apud* Freire, p. 7)

Nesse sentido, é importante resgatar a teoria e a prática de Paulo Freire num momento em que estamos vivenciando um cenário político-social extremamente antidemocrático, excludente, no qual a liberdade é apenas entendida como liberdade de mercado. Quando a ideologia neoliberal está sendo veiculada como o único discurso possível. Quando não há espaço para o diálogo. Numa sociedade onde *ser mais* pode ser confundido com *ter mais*. Quando os governantes continuam a desrespeitar a coisa pública, os(as) professores(as), os alunos pobres e os trabalhadores da educação. Quando a democracia da sociedade e a autonomia da escola e dos seres humanos continuam a ser um sonho:

Um desses sonhos para que lutar, sonho possível mas cuja concretização demanda coerência, valor, tenacidade, senso de justiça, força para brigar, de todas e de todos os que a ele se entreguem, é o sonho por um mundo menos feio, em que as desigualdades diminuem, em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. No fundo, é um sonho sem cuja realização a democracia de que tanto falamos, sobretudo hoje, é uma farsa. (FREIRE, 2001, p. 25)

E talvez uma das formas de lutar por esse sonho seja reafirmar o caráter democrático do pensamento e da práxis freireana, demonstrando que é possível pensar e atuar de uma forma diferente da ideologia e da prática neoliberal.

De acordo com Paulo Freire, “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22).

Nossa preocupação é estabelecer sobre a escola, a partir de seu projeto histórico, a reflexão crítica sobre a realidade, permitindo o cumprimento e a inserção de todos. Sobre isto, Paulo Freire, afirma a necessidade de o educador assumir o “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (2007, p. 25).

A partir das releituras de Paulo Freire, acreditamos no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo. E em função desses pressupostos que queremos participar das reflexões para a construção da escola que oferece uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

Paulo Freire expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim e que apresenta a escola como instância da sociedade. Paulo Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30).

Reconhece a presença do oprimido e do opressor, ao que convida-nos a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um, para então conseguirmos pela marcha popular libertar todos os homens.

Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço de nossos sonhos.

(FREIRE, 1991, p. 126)

Reconhecemos o papel que tem a escola para homens e mulheres, sabendo também, que não será ela a única responsável pelas transformações da sociedade, pois vem orientada muitas vezes para a manutenção das estruturas sociais e econômicas dominantes, que impedem a própria transformação. Citado por Moacir Gadotti, e nesse sentido que Paulo Freire é enfático ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se a transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (1991, p. 84).

Nesse sentido, Paulo Freire, apresenta-se como o educador que ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando torne-se sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Para este educador, a educação é ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate. O que requer o olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e neste sentido é na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem. Local que deve ser constituído pela sua natureza e especificidade.

## **2. Revisão da literatura**

Por mais que Freire seja conhecido no campo da educação e mais ainda no campo da educação popular, entendemos que é pertinente salientar algumas de suas ideias para contextualizar nosso trabalho, bem como destacar alguns autores da teoria crítica que fazem referência a Paulo Freire, como McLaren (1997), Giroux (1997) e Apple (2006).

Lembramos que Freire (2002), sempre criticou a sociedade neoliberal, afirmando ser radicalmente “[...] contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura” (p. 116). Freire reiteradamente escreveu sobre a educação articulando-a com o contexto social e político. Nas palavras do próprio Freire:

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é

alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates “ideológicos” que a nada levem. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana. (FREIRE, 2002, p. 114)

Freire (2004), nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante. Nunca abriu mão do sonho da mudança radical, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político, racial, sexual e educacional: “É por isso também que é possível, em qualquer sociedade, fazer algo institucional e que contradiz a ideologia dominante. Isso é que eu chamo de uso dos espaços de que a gente dispõe” (FREIRE, 2004, p. 38).

A partir da linguagem freireana, é possível usar alguns conceitos que contêm uma clara caracterização do processo educativo popular. Um deles é o conceito de consciência, ou melhor, de conscientização que deve acompanhar o processo educativo.

A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça. (FREIRE, 1994, p. 225)

Além disso, as relações dialógicas entre educando e educador, fazem parte de todo o processo educativo, bem como o caráter político e transformador da educação, questionando permanentemente a que interesses a educação está servindo: “Por isso é que eu dizia: a escola não é boa nem má em si. Depende a que serviço ela está no mundo. Precisa saber a quem ela defende” (FREIRE, 2004, p. 38). Desnecessário dizer que Freire sempre defendeu radicalmente os oprimidos, buscando a libertação de todas as formas de opressão.

Alguns educadores críticos que reconhecem em Paulo Freire, um teórico original e profundamente coerente com suas convicções. Apple (2006) lembra que foi com ativistas brasileiros e principalmente com Paulo Freire que aprendeu a construir uma educação digna:

Meu trabalho intenso com os ativistas brasileiros, e o que aprendi com eles, começou no meio da década de 1980, logo depois que se extinguiu o governo militar apoiado pelos Estados Unidos. Esse trabalho continuou por meio da intensa interação que tive com Paulo Freire e tornou-se ainda mais intenso, pois ajudei o Partido dos Trabalhadores – e com eles aprendi – a

construir uma educação digna no Brasil. (APPLE, 2006, p. 13)

Para McLaren (1997), Freire não só representa um revolucionário em educação comprometido com a libertação dos oprimidos, com a luta pela justiça social e a transformação da educação, mas sua pedagogia adquiriu um status legendário. Sua pedagogia “começou como um meio de conferir poder a oprimidos camponeses brasileiros, atingiu um status legendário através dos anos. Poucos educadores caminham tão sabiamente e com tanta determinação entre as fronteiras da linguagem e da cultura” (MCLAREN, 1997, p. 327). De modo semelhante, Giroux (1997) refere-se a Freire, lembrando que ele não é apenas um homem do seu tempo, mas também um homem do futuro, que contribui muito para a pedagogia crítica: “Em conclusão, a obra de Freire oferece uma visão de pedagogia e práxis que é partidária de sua essência; em sua origem e intenções, ela é a favor de “optar pela vida” (GIROUX, 1997, p. 156).

Giroux quando se refere a Paulo Freire, o autor salienta que sua fala, prática e visão:

[...] representam um modo de reconhecer e criticar um mundo que vive perigosamente à beira da destruição. [...] A obra e presença de Freire estão aí não apenas para nos lembrar o que somos, mas também para sugerir no que podemos nos transformar. (GIROUX, 1997, p. 156)

Evidentemente o conceito de práxis aqui utilizado não é aquele que evoca a pura e simples prática, antes, porém, constitui-se como apresenta Vasquez (1977) em atividade pensada, organizada. Ao que Paulo Freire afirma, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (1997, p. 38).

A educação crítica e orientada para a tomada de decisões é o exercício da prática de uma responsabilidade social e política. Modificando-se assim, a própria relação entre professor e aluno, a qual é marcada pelo pressuposto básico que Paulo Freire estabelece para esta relação, a saber, a prática do diálogo enquanto dimensão essencial no trabalho de compreensão da realidade a partir das experiências do sujeito que ensina, assim como do sujeito que aprende.

Para tanto, ele propõe uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a reali-

dade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural.

Assim, compreender a cultura como processo histórico pelo qual o homem se relaciona com o mundo transformando-o com os outros homens, reconhecendo e transformando a natureza e a si próprios. Representando a somatória de toda a experiência, criação e recriação ligada ao homem no seu espaço de hoje e na sua vivência de ontem, configurando-se como a real manifestação do homem sobre e com o mundo.

Portanto, compreendendo que a cultura é tudo o que é criado pelo homem.

### **3. Considerações finais**

Queremos sem dúvidas, que a escola possa, com seus educadores, trazer as mudanças desejáveis para uma sociedade justa e igualitária. Isso não será possível se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade.

De acordo com Paulo Freire, “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22).

Nossa preocupação é estabelecer sobre a escola, a partir de seu projeto histórico, a reflexão crítica sobre a realidade, permitindo o cumprimento e a inserção de todos. Sobre isto, Paulo Freire, afirma a necessidade de o educador assumir o “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (2007, p. 25).

Tal afirmativa conduz a realização de uma prática pedagógica não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, portanto a valorização da experiência cotidiana como forma de transformação na medida em que se torna capaz de responder as necessidades, nas próprias especificidades culturais, resultado da vida do povo.

Assim, a educação é compreendida como instrumento a serviço da



democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade andam juntas, sendo parte do mesmo processo.

Em todo o seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. Para o que é necessário a formação do homem realmente livre. Por ser livre, vai a origem das coisas, não deixando manipular-se, já que submete sua ação a reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, combatendo a alienação dos homens através da compreensão do indivíduo como ser ele mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente as mudanças sociais. Exige-se, portanto, exercício consciente da ação, o que requer reflexão do próprio ato de existir.

Assim, trabalhar para a criticidade e a possibilidade de ação e de participação que só se efetiva na transformação consciente do meio, o qual só pode ser transformado com recursos que implicam a participação de todos para a conquista da educação libertadora.

Cabe, portanto ao educador, a explicitação do seu projeto político. A explicitação da sua proposta educacional, compreendendo a educação como uma ferramenta metodológica que traça a luta política ao sistema educativo. Sabendo que sozinho não irá revolucionar, mas sim, se todos estiverem conscientes do compromisso pela transformação, aproximando posturas a fim de melhorar a sociedade, num consenso orientado pela autoridade, em que todo homem traz consigo uma forma de ver e pensar o mundo, a partir de suas experiências com o universo circundante, pelas ideias que orientam sua presença no mundo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- BEISIEGEL. C. de R. *Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo: Pioneira, 1974. 189pp
- FREIRE, Paulo. (1975). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 148pp

\_\_\_\_\_. *A Educação na Cidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 23)

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MCLAREN, Peter. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.